

AS PERSONAGENS FEMININAS, A MUSICALIDADE E A IMAGEM – MECANISMOS DE PRAZER QUE EVOCAM LEMBRANÇAS

Ana Denise Teixeira Andrade¹

RESUMO

O presente artigo define-se como uma reflexão sobre a identidade portuguesa na viragem do milênio. Especificamente, foca-se na presença do preconceito existente contra os imigrantes que procedem das antigas colônias portuguesas em África, no romance *Combateremos a Sombra*, de Lídia Jorge. O tráfico e a exploração de pessoas são vestígios dessa memória coletiva, que ainda reverbera nas vozes dos personagens, em plena virada do milênio. Sem condições de reivindicarem seus direitos, os imigrantes seguem marginalizados durante toda a narrativa. Apenas o protagonista Osvaldo Campos, psicanalista, tenta interromper esse ciclo ao denunciar a organização criminosa que aliciava imigrantes, às autoridades. Em dados momentos, a musicalidade desempenha importante papel na evocação e na consolidação das memórias, bem como desperta emoções, que podem ser observáveis fisicamente. Nesta narrativa, a personagem Rossiana de Jesus tem suas lembranças afloradas ao ouvir determinadas canções que eram entoadas pela mãe, durante a sua infância. As lembranças de um passado doloroso também são evocadas por Gisela Baptista, no romance *A noite das mulheres cantoras*, de Jorge. Mesmo após a passagem do tempo, é possível trazer à tona as memórias pessoais. É dentro desse contexto que são identificados os tipos de memórias dos personagens e as formas de consolidação das lembranças, bem como as possíveis causas do esquecimento. Por esse viés, percorre-se os labirintos da memória a partir de uma perspectiva multidisciplinar, que envolve estudiosos de diversas áreas, como Iván Izquierdo (2011), da neurociência e, dentro da psicologia cognitiva, Allan Badelley (2011) e seus colaboradores pesquisam sobre a formação da memória. Dessa forma, as lembranças

¹ Doutora em Letras de InediTec, anadeletras@hotmail.com

individuais vêm à tona, entrelaçam-se e tentam compreender, à medida do possível, a origem e as razões do preconceito racial entre os lusitanos.

Palavras-chave: Memórias, Personagens femininas, Musicalidade, Evocação.

A MUSICALIDADE E A EVOCAÇÃO DAS MEMÓRIAS

As obras da escritora Lídia Jorge consolidaram-se no meio literário e acadêmico por apresentarem uma temática universal: a memória. Em especial, no romance *Combateremos a Sombra* (2014), que tem como marco a virada do milênio, e em *A noite das mulheres cantoras*, de 2012. A passagem para o século XXI, não necessariamente, transformou o pensamento lusitano ou apagou o passado escravagista da lembrança, reforçado durante o Estado Novo. De acordo com essa visão, ainda é possível perceber resquícios a respeito do preconceito contra os imigrantes, em especial os originários de África, nos referidos textos literários, ambientados em Lisboa.

No romance *Combateremos a Sombra*, alguns personagens entraram no País para fugir das guerras; outros, de forma clandestina, estabeleceram-se para servir a organização criminosa do tráfico de drogas, armas e órgãos humanos. Ao que parece, assumem, mais uma vez, a função de subserviência, sem que isso signifique, necessariamente, uma escolha. É nesse clima que a saga do protagonista Osvaldo Campos tem início, no último dia do século XX, véspera da passagem para o novo milênio. Campos não era propriamente um psicanalista convencional, pois seus atendimentos ultrapassavam os chamados territórios proibidos, indo além de meras consultas em seu consultório. Principalmente, após envolver-se emocionalmente com Rossiana de Jesus, vítima da organização criminosa.

Além disso, utilizava a música em alguns atendimentos, pois reconhecia que a sonoridade despertava sensações e aflorava as lembranças. Por certo, a musicalidade desempenha importante papel na consolidação das memórias, bem como desperta emoções, que podem ser observáveis fisicamente. Em *A noite das mulheres cantoras*, a sonoridade musical também despertara velhas memórias nas personagens femininas. De acordo com Newton Sabino Canteras e Jackson Cioni Bittencourt (2008), “a experiência emocional refere-se a estados subjetivos, frutos da introspecção consciente. Por outro lado, a expressão das emoções pode ser medida objetivamente, e envolve respostas comportamentais” (CANTERAS; BITTENCOURT, 2008, p. 228), como as observadas em determinadas personagens romanescas.

O reflexo de tais perturbações é visível, pois Rossiana ficava entusiasmada, à medida que ouvia determinadas músicas. E, foi ao se deparar com o disco favorito de sua mãe, “*Best of Diana Ross*” (JORGE, 2014, p.

265), que suas memórias foram reavivadas, e “Oswaldo contou, depois, que ela só tinha começado a falar por causa da lembrança da música” (JORGE, 2014, p. 266). Todavia,

o que Rossiana disse sobre o mesmo passo foi diferente. Ela contou, já no outono seguinte, que ao saírem para a praia o vento era rasteiro, e ele caminhava à sua frente com as mãos nos bolsos, e quando ele se virara para controlar a distância da marcha, ela via-lhe as sapatilhas gastas e os atacadores desirmanados, e sentia-se sua próxima, ainda que não dissesse nada. E como ela tivesse parado, ele havia voltado atrás, e ela achava que tinha sido por causa da forma como ele punha as mãos nos bolsos e levantava a gola do casaco, que ela tinha começado a dizer que não havia nada para contra sobre si, que não passava dum caso entre casos, e logo tinha dito que a sua família era natural do Cuíto-Cuanavale, ao mesmo tempo que desenhava a África Austral na areia, e indicava com o pé –*Aqui*. E só então referira o caso de sua mãe. (JORGE, 2014, p. 267)

O distanciamento temporal entre as narrações contribuiu para que relatassem, de forma diversa, a mesma experiência. Porém, a situação familiar de Rossiana era exclusivamente dela e, por isso, o registro em sua memória permanecia intacto. Para Maurice Halbwachs (2003), é possível lembrar, com mais precisão, “o que sentíamos então, sem que os outros soubessem, como se este gênero de lembrança houvesse marcado sua impressão mais profundamente em nossa memória porque dizia respeito exclusivamente a nós” (HALBWACHS, 2003, p. 39). Assim, o caráter pessoal da história conferia-lhe certa exatidão no relato:

Tinha dito que a mãe lá no Cuíto fazia *playback* das canções de Diana Ross, nas festas de aniversário, imitando-a e vestindo-se como ela. E de tal modo a mãe admirava essa cantora então no auge da fama, que tinha conseguido que a filha nascesse dos dias antes do que estava previsto, de modo a dar à luz a 26 de março, o dia do aniversário da Diana Ross. Era por isso que ela se chamava Rossiana. Havia muito tempo que nem pensava no assunto, e agora, por acaso, logo vinha encontrar sobre os discos abandonados, *This Old Heart of Mine*. Que se tinha posto a traurear. “Você sabia que tinha aquela coisa ali? Diga a verdade...” (JORGE, 2014, p. 267-268)

A qualidade das dicas é fundamental para que seja facilitada a evocação. Por isso, mesmo sem procurar por velhas lembranças, Rossiana

conseguiu reavivar suas memórias através da música. Segundo Michael C. Anderson (2011), “a evocação muitas vezes melhora quando são adicionadas dicas mais relevantes” (ANDERSON, 2011, p. 185). Envolvida pela sonoridade, que aflorava suas recordações,

ela contou que a sua história era banal, que havia nascido de pai italiano, um agrônomo que andava a estudar a acidez das terras do Cuíto, em 77, e pelos vistos havia estudado em demasia a miúda que viria a ser sua mãe, durante uma noite de aniversário. Uns dias depois o engenheiro agrônomo tinha ido à sua vida, para outras zonas de África, ela havia ficado. Sobre o que acontecera a seguir, imaginava-se, não valia a pena contar. A mãe tinha engravidado e uma guerra devastadora vinha outra vez a caminho. (JORGE, 2014, p. 268)

As lembranças prosseguiram, até encontrarem abrigo na casa de sua família. Embora jamais tenha lá estado, Rossiana compartilhava a memória coletiva de seus parentes: “Ela mesma não tinha chegado a conhecer a Casa do Cuíto, uma casa de telha francesa, esverdeada, como se via nas fotografias que tinham sobrevivido, nem tampouco havia conhecido o avô Inácio” (JORGE, 2014, p. 268). Mas reconhecia a importância da habitação para a preservação das memórias, pois aquele espaço era carregado de impressões pessoais. Representava um guardião da identidade familiar. Por esse viés, pode-se afirmar que “nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros” (HALBWACHS, 2003, p. 157). Contudo, nesse círculo parental, a casa parecia demarcar um território mais identificado com o avô. Por isso, a dificuldade em abandoná-la.

Ainda assim, para todos, a casa consistia em um espaço abastado de emoções e desejos. Lugar de origem. Para Gaston Bachelard (s/d), “a casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos. [...] E o abrigo muitas vezes particularizou o sonho” (BACHELARD, s/d, p. 29). Entretanto, os sonhos individualizados deram lugar à necessidade de sobrevivência:

A mãe estava já bem grávida quando tinham saído para a África do Sul, em 78, com as irmãs, os irmãos, os cunhados, os sobrinhos, todos feitos um cacho, em dois Land Rovers, fugindo da fazenda de telhado verde. Todos menos o avô. O avô Inácio tinha colocado sobre os portais o seu saco de libras e dado um tiro no peito, na manhã da partida. Os tios tinham-no enterrado no meio das colmeias, pondo-se

em fuga nessa mesma tarde. Fora por isso que ela tinha ido nascer em Joanesburgo. (JORGE, 2014, p. 268)

A tristeza de abandonar a casa da família e as próprias raízes podem ter colaborado para motivar o suicídio do avô. De acordo com Bachelard (s/d), “a casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso” (BACHELARD, s/d, p. 23), ainda mais em se tratando de um idoso. Acrescenta-se à circunstância, a falta de perspectivas no futuro e as dificuldades de um recomeço. Tudo isso pode ter contribuído para o ato intencional de matar a si mesmo, sem qualquer possibilidade de impedi-lo. Na esteira desse pensamento, Leandro Ciulla (2013) e demais pesquisadores constataram que “os idosos tentam menos suicídio que os mais jovens, embora quando tentam o método é altamente letal: como enforcamento, veneno agrícola e arma de fogo” (CIULLA *et al.*, 2013, p. 236).

No meio de tantos infortúnios, havia uma lembrança agradável:

As tias contaram que esse havia sido o único acontecimento divertido, durante os três anos que lá tinham passado. A mãe tinha feito umas trezentas voltas a pé, em torno do quarteirão onde ficava o hotelzinho mestiço que os aceitara, para que ela nascesse a 26 de março de 78. Grande vitória da mãe – “A mãe era assim, ela gostava de criar o seu próprio destino, não ficava parada a olhar...” (JORGE, 2014, p. 268-269)

As lembranças das tias estavam amparadas numa memória comum, embora a passagem do tempo e a imaginação possam interferir e alterar partes da recordação. Mesmo nesse caso, elas concordavam que a mãe de Rossiana

tinha enfrentado o avô Inácio, três meses depois da passagem do italiano pelo Cuíto, gritando – “Dad, não me ameace. Naquela noite ele amava-me, não estou arrependida, vou ter um filho lindo...” – A mãe era assim. Mas o que lhe disseram é que não fora por esse motivo que o avô dera o tiro no peito. Fora só pela partida forçada. Era bom saber isso. (JORGE, 2014, p. 269)

Até esse momento, as lembranças de Rossiana consistiam, basicamente, naquilo que havia sido narrado por seus parentes. Porém, não foi muito diferente, passados três anos,

quando tinham ido viver em Lisboa, o cacho familiar havia-se dispersado. Desse tempo, não se lembrava de nada. Quanto a memória o permitia, lembrava-se só de viverem no Solar das Turcas, ela, a mãe e as três tias. De resto, tinham gasto as últimas libras para pagarem aqueles abrigos clandestinos. (JORGE, 2014, p. 269)

A música servira como uma espécie de propulsor para a memória de Rossiana. Por intermédio desse *link*, uma torrente de lembranças aflorara rapidamente. Nem mesmo ela sabia explicar, mas continuava a detalhar suas memórias e, inclusive, recordava-se da foto do avô: “Na casa do Solar das Turcas havia uma fotografia do avô Inácio sobre o trator, uma outra com a família vestida de claro diante da casa das telhas francesas, e uma terceira, com dois cachos humanos sobre os dois Land Rovers” (JORGE, 2014, p. 269). A necessidade de situar os acontecimentos em algum lugar, ou seja, de associá-los a um espaço específico, encontra explicações dentro do terreno psicanalítico. Conforme afirma Bachelard (s/d), “mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços de nossa intimidade” (BACHELARD, s/d, p. 25).

Aparentemente, a moça reproduzia as passagens de sua vida sem demonstrar emoções, apenas permitindo-se levar pela lembrança que os acordes musicais provocavam: “– ‘De resto, uma história banal, igual a muitas outras...Você está a perder o seu tempo comigo, Osvaldo...’” (JORGE, 2014, p. 269). Porém, o psicanalista observava de modo distinto a situação:

Mas cruzando os dados, a realidade deve ter sido diferente – Rossiana fumava com os olhos fechados, atirando fumo na direção das ondas, e queria entregar-lhe a parte mais preciosa do seu corpo, a memória primitiva da sua vida. A sua muralha tinha-se quebrado. De outra forma ela não teria dito – “Vendo bem, eu não passo dum espirro da Guerra de Angola que veio parar ao Solar das Turcas. O que mais posso contar que tenha interesse para alguém?” (JORGE, 2014, p. 269-270)

De forma consciente, Rossiana não pretendia falar abertamente sobre seu passado. Mas por alguma razão, sentia que podia confiar em Osvaldo. Esse, por sua vez, era um profissional que sabia como conduzir, habilmente, as situações. Conforme afirma Kathryn Woodward (2014),

o inconsciente, de acordo com a psicanálise, é formado de fortes desejos, frequentemente insatisfeitos, que surgem da intervenção do pai na relação com o filho ou a filha e sua mãe. Ele está enraizado em desejos insatisfeitos, em desejos que foram reprimidos, de forma que o conteúdo do inconsciente torna-se censurado pela mente consciente, passando a ser inacessível (WOODWARD, 2014, p. 62).

A paisagem descrita por Rossiana refere-se a um dos bairros da periferia, situado em Lisboa, onde vivia com sua mãe e as tias. Lugar insalubre e precário, é destino dos imigrantes, em especial, dos africanos. De acordo com as observações de Neusa Maria Mendes de Gusmão (2005),

o que é constante nos bairros degradados são as condições insuficientes de infra-estrutura e mesmo de equipamentos de saneamento básico, resultando condições degradadas de vivência e existência cotidiana. Pode-se dizer que há no interior dos bairros diferentes graus de homogeneidade social e, concomitantemente, uma acentuada heterogeneidade cultural e social. As duas faces dessa moeda propiciam ora processos integrativos, verdadeiramente inter-culturais, ora situações claras de conflito e oposição. (GUSMÃO, 2005, p. 125)

Pessoas oriundas de diversos lugares interagem, nem sempre de forma pacífica. A própria mãe de Rossiana não gostava que fosse confundida como um habitante local. Fazia questão de deixar claro que não pertencia àquele espaço. Para tanto, exaltava sua origem e defendia sua identidade. Segundo Zygmunt Bauman (2005),

as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimentos, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (BAUMAN, 2005, p. 19)

A mãe de Rossiana pouco se importava em promover boas relações de convivência, com seus vizinhos de infortúnio. Para ela, o importante era marcar sua posição, determinar sua nacionalidade. De acordo com Bauman (2005), “o anseio por identidade vem do desejo de segurança” (p. 35) que, nesse caso, significava não pertencer ao grupo que desprezava. A fim de assegurar as diferenças, “a mãe exibia à vizinhança as fotografias

da casa do Cuíto dizendo que não éramos dali, e saía de casa cantando em voz alta as canções das raparigas do Michigan, dizendo que nunca seria dali, não viveria ali, nem morreria ali” (JORGE, 2014, p. 270). Preferia acreditar que a situação era passageira, porque temia aquele lugar. Negar a atual conjuntura, iludir-se, seria uma forma de fidelidade às suas origens, além de assegurar-lhe certa proteção.

Ao reproduzir a melodia, confirmava o desprezo que sentia pelo bairro e seus moradores. Apreciava tal distinção, pois “quando ela passava falando de onde vinha, havia quem nos odiasse. A mãe gostava desse ódio, achava que era um reconhecimento de que ela não era daquele lugar. Uma guerra” (JORGE, 2014, p. 270). Consoante com essa ideia de pertencimento e fidelidade à própria identidade patriótica e cultural, Woodward (2014) afirma que

as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. (WOODWARD, 2014, p. 25)

Mas ainda que a mãe de Rossiana demonstrasse um sentimento nacionalista e um apego às raízes, tinha plena consciência de que precisava sobreviver e sustentar sua família. Também sabia que sua origem a impedia de conseguir um emprego digno, pois, assim como os demais, era vítima de preconceito racial. Na torrente desse pensamento, Gusmão (2005) observa que a sociedade portuguesa é excludente em relação aos imigrantes e não proporciona facilidades aos habitantes dos bairros periféricos de Lisboa:

Os problemas da vida no bairro resultam da forte estigmatização de que são alvo os bairros degradados de Lisboa. A discriminação de fora para dentro permite que cada morador, criança, jovem, adulto ou velho, identifique-se aos diversos grupos que aí existem, identificando-se também ao *lugar*, por meio de redes de vizinhança e ou grupos organizados, associações de moradores e outras. No entanto, também entre os pares, as relações nem sempre são tranquilas. (GUSMÃO, 2005, p. 124)

Mesmo prevenida da necessidade de apoio mútuo entre os moradores, a mãe de Rossiana não fazia questão de qualquer aproximação. Preferia o isolamento. Dessa forma, sem ajuda e oportunidades profissionais, foi levada à prostituição:

Ela tinha-se transformado numa perita em massagem indiana, e muitas noites não voltava a casa. Um dia a mãe mudou-se para a Rua Saavedra em Algélis e disse-me que em breve eu também iria mudar. Disse que tinha ido à frente para abrir caminho até não precisarmos mais de voltar ao Solar das Turcas. Mas eu ia à Rua Saavedra e continuava a voltar à casa das frinchas. A mãe tinha essa outra vida, eu ficava sozinha. (JORGE, 2014, p. 270)

Os diversos papéis desempenhados revelavam a diversidade de posições que ela assumia: mãe de família e prostituta. Embora encontrasse dificuldade em delimitar essas fronteiras, assumia os riscos. Para ela, não havia opção. Segundo Woodward (2014), o problema consiste nas

formas como representamos a nós mesmos – como mulheres, como homens, como pais, como pessoas trabalhadoras – têm mudado radicalmente nos últimos anos. Como indivíduos, podemos passar por experiências de fragmentação nas nossas relações pessoais e no nosso trabalho. (WOODWARD, 2014, p. 31)

A capacidade de assumir múltiplas identidades não significaria, necessariamente, que conseguiria executá-las de forma satisfatória. Soma-se a isso, o fato de estar descontente com a situação. De acordo com Woodward (2014), “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito” (WOODWARD, 2014, p. 32), porque destoam entre si.

Todas essas recordações da infância e da adolescência foram possíveis porque, tanto as fotos como a música, funcionaram como uma espécie de “gatilho” para que a memória fosse evocada. De acordo com Michael C. Anderson (2011), “as memórias podem ser evocadas a partir de uma diversidade de pistas” (p. 180). Acredita-se que “os traços de memória se relacionem uns aos outros por ligações geralmente denominadas de *associações* ou *links*” (ANDERSON, 2011, p. 180, grifos do autor). Pistas simples, como fotos e som, serviram como desencadeadoras da memória de Rossiana, como “as doze faixas de *Every Day is a New Day* enchem o habitáculo do Citroën com a voz límpida de Diana Ross” (JORGE, 2014, p. 297). Para o psicanalista, a moça não estava simplesmente relatando sua história de vida.

Em outra passagem de *Combateremos a Sombra* (2014), Lídia Jorge faz menção a Gisela Baptista, uma das pacientes não pagantes do psicanalista, que tem sua imagem registrada em um cartaz, exposto na cidade: “Gisela Baptista era a atriz cujo rosto aparecia nos cartazes do Ciclo Ibsen,

representando com sobriedade o papel de Nora Helmer” (JORGE, 2014, p. 92). Essa personagem retornará à cena novamente em outro romance seu: *A noite das mulheres cantoras* (2012), enredada num contexto diferente², final dos anos oitenta do século XX, mas envolvida igualmente com a arte. Nessa época, Gisela era a líder de um grupo musical que ambicionava o sucesso. Esse momento foi lembrado por ela, durante um concurso:

[...] no final dos anos oitenta, Gisela Batista, Maria Luísa e Nani Alcides, Madalena Micaia e eu mesma, nós cinco havíamos formado um grupo que cantava e dançava, tendo chegado a gravar um disco, e era essa lembrança que a *maestrina* trazia a público, competindo com as demais concorrentes, de modo a transformar a noite minuto numa sucessão de momentos carregados de nostalgia. (JORGE, 2012, p. 15)

Ao lembrar a formação do grupo, Gisela aflora as memórias musicais dos ouvintes, posto que “um ser humano recorda melodias e letras de canções” (CAMMAROTA *et al*, 2008, p. 242), justamente porque “os seres humanos utilizam a linguagem para adquirir, codificar, guardar e evocar memórias” (CAMMAROTA *et al*, 2008, p. 242). Mas para as cantoras, a musicalidade não era somente o prazer de recordar. Para o grupo memorizar e ter êxito em suas canções, não bastava simplesmente ouvir uma única vez a melodia. Era essencial que o som fosse reproduzido diversas vezes, por isso a necessidade de algum artefato específico para o registro da música. A personagem Solange de Matos lembra dos dois meses de ensaios e “do gravador e das duas bobinas a rodarem diante de nós, dois novelos que se enrolavam e desenrolavam à vista, oferecendo-nos a música de ensaio, enquanto as primeiras chuvas de Outono caíam sobre Lisboa” (JORGE, 2012, p. 79).

O uso do gravador para reproduzir a melodia era indispensável, assim como os constantes ensaios. Tudo justificava o fato de que precisavam memorizar cada letra e sua melodia, os passos de dança. Porém, sem os devidos recursos físicos, nada disso seria possível. De acordo com António R. Damásio (2011), a capacidade de memorização e de evocação são limitadas. Apenas existem fragmentos de lembranças:

2 2 A aparente desorganização cronológica, deve-se ao fato de que o livro *Combateremos a Sombra* foi lançado em Portugal, no ano 2007, mas só chegou ao Brasil em 2014.

As imagens *não* são armazenadas sob a forma de fotografias fac-similares de coisas, de acontecimentos, de palavras ou de frases. O cérebro não arquiva fotografias Polaroid de pessoas, objetos, paisagens; nem armazena fitas magnéticas com música e fala; não armazena filmes de cenas da nossa vida; nem retém cartões com “deixas” ou mensagens de teleprompter do tipo daquelas que ajudam os políticos a ganhar a vida. Em resumo, não parecem existir imagens de qualquer coisa que seja permanentemente retida, mesmo em miniatura, em microfichas, microfilmes ou outro tipo de cópias. Dada a enorme quantidade de conhecimento que adquirimos durante a vida, qualquer tipo de armazenamento fac-similar colocaria provavelmente problemas insuperáveis de capacidade. (DAMÁSIO, 2011, p. 127)

O maestro precisava de um certo tempo de concentração para, enfim, poder atender aos apelos de Gisela, ainda que lembrasse de vários acordes. Segundo Halbwachs (2003), alguns músicos podem executar várias melodias sem qualquer auxílio. Entretanto:

outros, mesmo acompanhando as notas na pauta com os olhos, sabem de cor fragmentos inteiros da parte que tocam. Conforme suas aptidões pessoais, conforme tenha praticado e ensaiado com maior ou menor frequência, o músico poderá dispensar mais ou menos o apoio exterior que os sinais escritos ou impressos oferecem à sua memória. Seja qual for seu virtuosismo, ele não conseguirá reter todas as obras que já tocou, para estar à altura de reproduzir à vontade e a qualquer momento qualquer uma delas. Em todo caso, isole o músico, prive-o de todos esses meios de tradução e memorização dos sons que a escrita musical representa: para ele será muito difícil, quase impossível, fixar na memória número tão grande de lembranças. (HALBWACHS, 2003, p. 198)

Motivada pela torrente de recordações que afloravam, a mentora Gisela aproveitou o ensejo para contar à plateia que a assistia, sobre a origem de cada uma das componentes: “cinco raparigas magníficas, com histórias e naturalidades distintas, atraídas em simultâneo desde várias partes de África pelo som de um piano” (JORGE, 2012, p. 17). Embalados pela narrativa,

aquele público, tocado por uma história de transcendência, tão intrusa e tão bem contada, não dispensou a nossa identidade, e de um momento para o outro nós três

emergimos das coxias para ocuparmos, a toda a largura, o quadrângulo do ecrã, sem que tal tivesse sido minimamente previsto. (JORGE, 2012, p. 17)

Sabe-se que o grupo musical era composto por cinco integrantes. Entretanto, apenas três delas ocupavam os assentos na plateia, porque Gisela encontrava-se no palco. Por sua vez, estaria faltando uma integrante: Madalena Micaia, também conhecida por *The African Lady*, a única negra do conjunto. A explicação para sua ausência foi dada pela própria Gisela, que contou aos expectadores que Madalena havia retornado para a África. Porém, passados vinte e um anos da separação do grupo, nenhuma delas havia esquecido o que realmente acontecera naquela época. Todas as quatro sabiam da verdadeira história.

Madalena era uma parturiente e fazia poucos dias que tinha dado à luz a um menino. Por isso mesmo, a sua blusa ficava encharcada de leite. Para resolver a situação, ausentou-se do recinto para fazer a retirada do leite. Notada sua ausência, veio o comentário desrespeitoso de um dos músicos: “Onde estão elas?” O Julião que já tinha chegado disse muito alto – “Uma delas está no quarto de banho a ordenhar-se, e as outras estão a ver!” (JORGE, 2012, p. 218). Nem mesmo suas próprias colegas deixaram de fazer críticas pejorativas a respeito de Madalena Micaia:

Quando Madalena Micaia se dirigiu de novo ao quarto de banho, Maria Luísa falou da sua repugnância – “Gisela, olha aqui. A maternidade deveria ser como nós cantamos, quando dizemos o *Magnificat*, como a Solange disse naquele dia. Palavras, palavras, palavras cantadas. Mas está visto que não é assim, a maternidade não são cânticos, a Madalena cheira a leite e a sangue que tresanda. A rapariga fede. Não se pode estar ao pé dela...” (JORGE, 2012, p. 219)

As opiniões maledicentes a respeito do estado da moça representam ‘a violência que atinge imigrantes e seus filhos, vistos como “resíduos sociais”, “estranhos” e diferentes’ (GUSMÃO, 2005, p. 13), numa clara discriminação racial. Por ser considerada inferior, sentiu-se forçada a trabalhar, quando deveria estar em repouso. Devido aos excessos a que foi submetida, Madalena é encontrada morta pelas colegas, ao final dos ensaios: “- Sobre o banco do vestiário, o velho canapé de palha, Madalena Micaia estava deitada, com um dos braços debaixo da cabeça, o outro tombado ao lado, e do seu corpo pingavam aqueles líquidos” (JORGE,

2012, p. 222). Nenhuma delas jamais esqueceria aquele momento de intensa emoção, que lhes causou pânico

Muito embora essas personagens vivessem diferentes situações de conflito, ainda encontravam, na música, uma forma de pacificar suas emoções. Todavia, o mesmo não acontecia com Gisela Batista e as demais sobreviventes do grupo musical. Para elas, seria mais aconselhável esquecer, reprimir o passado, uma vez que estavam sufocadas pela culpa que carregavam. O esquecimento voluntário, Segundo Izquierdo (2011), é possível se for bastante forte essa determinação. Entretanto, quase sempre o cérebro reprime naturalmente as lembranças indesejadas ou que considera nocivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que versam sobre o tema da memória permeiam os textos da escritora portuguesa Lídia Jorge. São as memórias coletivas e individuais que se entrelaçam, numa espécie de ciranda da História de Portugal. Em *Combateremos a Sombra* (2014) e *A noite das mulheres cantoras* (2012), as personagens femininas ganham destaque ao revelar suas memórias durante audições musicais. Nesses momentos, uma torrente de lembranças aflora e revela, em alguns casos, um passado e um presente nem sempre digno de ser recordado, como o caso da africana Rossiana de Jesus. Negra, convive com o preconceito racial desde pequena, ao lado de sua mãe e tias. Moradora de um subúrbio na cidade de Lisboa, luta para sobreviver. Porém, ainda consegue sentir prazer ao ouvir a música preferida de sua genitora.

Situação semelhante ocorre também com a africana Madalena Micaia, que é vista como uma mulher primitiva e sem moral, apenas por ser negra; portanto, considerada uma desqualificada. Nem mesmo a morte poderia lhe restituir a moral e a dignidade, uma vez que jamais a possuía, segundo Gisela Baptista e alguns amigos. A recordação da música, para

Gisela, não trouxera sentimentos de prazer e, tão pouco, de arrependimentos por ter contribuído para a morte da colega. Talvez sentisse que falhara em sua carreira, por isso, a recordação dolorosa, que deveria permanecer no limbo. Em ambos os romances, a discriminação racial manifesta-se e toma vulto.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Michael C. *In*: BADDELEY, ALAN; ANDERSON, Michael; EYSENCK,

MICHAEL W. **MEMÓRIA**. Trad. Cornélia Stolting. Porto Alegre: Artmed, 2011. Cap. 8, p. 178-206. Cap. 9, p. 207-233. Cap. 10, p. 234-262.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad. Antônio da Costa e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, s/d.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAMMAROTA, Martín; BEVILAQUA, Lia R. M.; IZQUIERDO, Iván. *In*: LENT, Robert. (Coord.). **Neurociência da Mente e do Comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. Cap. 11, p. 241-252.

CANTERAS, Newton Sabino; BITTENCOURT, Jackson Cioni. *In*: LENT, Robert. (Coord.). **Neurociência da Mente e do Comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. Cap. 10, p. 227-240.

CIULLA, Leandro; SERRANO, Alan Índio; TRES, Guilherme Leví; NETO, Alfredo Cataldo. *In*: NETO, Alfredo Cataldo; GAUER, Gabriel José Chittó; FURTADO, Nina Rosa (Orgs.). **Psiquiatria para estudantes de medicina**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. Cap. 34. p. 236-246.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Os filhos da África em Portugal** – antropologia, multiculturalidade, educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2 ed., rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2011.

JORGE, Lídia. **Combateremos a Sombra**. São Paulo: Leya, 2014.

_____. **A Noite das Mulheres Cantoras**. São Paulo: Leya, 2012.

WOODWARD, kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. *In*: SILVA, Tadeu da. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 5 reimp. Cap. 1, p. 7-72.